



Romaria na Santa Cruz do Monte Santo: o sagrado e o profano¹

Gildinha de Jesus Passos²

Gislene Moreira Gomes³

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Resumo

Este artigo vem discutir a romaria na cidade de Monte Santo/Bahia como modo tradicional da expressão da fé na religião católica, e como a modernidade vem trazendo outro ponto de atração para os romeiros: as grandes festas, tendo cobertura das mídias locais e regionais, isso com a apropriação da indústria cultural, que se utiliza do momento para se manifestar incitando o lado profano dos romeiros. Assim também será analisada a situação acerca da tradição e da modernidade, observando o comportamento dos indivíduos nessa dualidade, lidar com o sagrado e profano no mesmo espaço quase que no mesmo momento.

Palavras chave: romaria; tradição; modernidade; indústria cultural.

Sobre a cidade e o começo da romaria

A cidade de Monte Santo fica localizada no semiárido baiano, norte da Bahia, a 300 km da capital Salvador, possui cerca de 60.000 habitantes e tem em sua principal fonte econômica a agricultura. Traz no seu calendário religioso uma grande romaria à Santa Cruz do Monte Santo, roteiro para muitos fiéis no interior da Bahia.

A cidade também teve uma importante contribuição para o desfecho da Guerra de Canudos, já que a 4ª expedição, que pôs fim à guerra, comandada pelo general Artur Oscar de Andrade Guimarães tomou Monte Santo como base das ações para o ataque à Canudos. A escolha se deu por conta da situação geográfica da cidade, pois do alto da Serra Piquaraçá se tinha uma visão privilegiada do horizonte e arredores. (Aras, 2003, p.101)

¹ Trabalho apresentado no Intercom Jr do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

² Graduanda em Comunicação Social-Jornalismo em Multimeios, 8º período, na Universidade do Estado da Bahia - UNEB

³ Professora orientadora, doutora do curso de Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia - UNEB



Mas, a cidade de Monte Santo é conhecida como o “Coração místico do sertão” por conta de sua romaria a Santa Cruz, que recebe cerca de 10 mil fiéis durante os dois dias do festejo, comemorado nos dias 31 de outubro e 1 de novembro. Com um percurso de pouco mais de 3 km, a Serra Piquaraçá tem cerca de 220 anos de peregrinação oficial como local santo. No alto da serra tem uma capela com as imagens de nossa Senhora da Soledade, São João Evangelista e Senhor Morto que foi construída pelo Frei Apolônio de Todi em 1785, numa missão ao povoado da cidade chamado Lagoa da Onça. Ao final dessa missão ele fez uma procissão até o cume do monte, onde ergueu um cruzeiro e ao longo do cortejo os fiéis foram ficando cruzeiros no total de 22, lembrando as estações do calvário de Jesus Cristo: sendo a primeira para as almas, as sete seguintes dedicadas às dores de Nossa Senhora e as 14 restantes ao martírio de Jesus Cristo.

Durante a procissão uma forte ventania assustou os fiéis, e o Frei então pediu ao senhor Jesus que acalmasse os ventos. O pedido foi atendido e um arco-íris pairou sobre o cume da serra, assim o Frei orientou a construção da capela em agradecimento a graça alcançada. Isso ocorreu em 1º de novembro de 1785 e até hoje a grande romaria ao cume da serra acontece. (ARAS, 2003).

Os penitentes sobem a serra para agradecer graças alcançadas ou fazer pedidos, é costume dar três voltas ao redor da capela do cume em forma de agradecimento e redenção. Há muitos fiéis que materializam sua satisfação levando imagens, fotografias e esculturas talhadas em madeira que são depositadas em um local reservado dentro da capela.

Tradição e ex-votos

É uma tradição entre os penitentes levar imagens como forma de mostrar aos santos, que de fato houve um milagre, teve um retorno o pedido do fiel. Essa forma de agradecimento é chamada de ex-votos que são “objetos visuais produzidos com a finalidade de agradecer uma graça alcançada” (ABREU, 2005, p.197) define Jean Luiz Neves Abreu da UNIVATE em seu artigo publicado na Revista Brasileira de História *Difusão, produção e consumo das imagens visuais: o caso dos ex-votos mineiros do século XVIII*. Onde ele diz também, que os ex-votos eram comuns entre os pagãos e foram assimilados pelos cristãos no século IV representando a crença no milagre.

Os nascidos na cidade têm como obrigação habitual visitar o monte nos dias santos. Os



mais idosos semanalmente chegam até a primeira capela para agradecer a semana, acendem velas e pedem proteção para a família e a cidade. Esses são responsáveis para passar adiante a tradição de ter a serra Piquaraçá como um local sagrado, e zelar pelo patrimônio que dá a cidade de Monte Santo o título de “coração místico do sertão”, com isso entendemos que

a tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo espacial da comunidade. Ela é uma maneira de lidar com o tempo e o espaço, que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, presente e futuro, sendo estes por sua vez estruturados por práticas sociais recorrentes (GIDDENS, 1996, p. 38).

O fato de a romaria á Santa Cruz ser uma tradição cultuada de há gerações em uma mesma família nos conduz aos estudos de Durkheim, que nos revela a disposição que encontramos nossas crenças já ao nascer, pois segundo o estudioso “o devoto, ao nascer, encontra prontas as crenças e as práticas da vida religiosa [...]” (DURKHEIM apud QUITANDEIRO, 2003, p.62).

A pré-disposição dos ritos religiosos na sociedade propicia o estreitamento nos laços afetivos de uma família, e no modo comportamental de um povo, que busca o bem estar comum através do fato social que os une, pois “a educação ‘cria no homem um ser novo’, insere-o em uma sociedade, leva-o a compartilhar com outros de certa escala de valores, sentimentos, comportamentos.” (QUITANDEIRO, 2003, p. 62).

Este estreitamento se dá por conta da memória coletiva que a sociedade compartilha. Recordando acontecimentos que possam reconstruir e manter vivo seu passado, é possível assim obter uma lembrança. Mas

é preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Sendo uma representação coletiva de crença em um mesmo objeto, a romaria em Monte



santo é a mais tradicional expressão da manifestação religiosa do povo, compreendendo um único indivíduo e a sociedade em si, já que as doutrinas são assimiladas por seus adeptos. Quem sobe a serra acredita na religião e no poder de um ser superior é o que Durkheim chama de “divino social” sendo correto seguir os ritos de sua religião de maneira tradicional.

A chegada da modernidade ao monte

A palavra modernidade vem trazendo o sentido de novidade para as transformações ocorridas na sociedade, pois, “o novo tem, antes de mais nada, o sentido de recém-aparecido, de nascido, de puro” (LE GOFF, 2003, p. 179). A modernidade chega para incomodar e adequar aos novos modos de vida da sociedade industrial, que inicia um crescimento geográfico e populacional, proporcionando um turbilhão de mudanças e descobertas, já que

cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, rápido crescimento urbano; sistemas de comunicação de massa dinâmicos (BERMAN, 1987, p. 16)

Le Goff enumera três tipos de modernização, sendo: a modernização equilibrada; a modernização conflitual e a modernização por tentativas. Analisando o processo de modernização na romaria, é possível verificar a modernização equilibrada, já que “o êxito da penetração do “moderno” não destruiu o valor do ‘antigo’” (LE GOFF, 2003, p. 190).

Nessa renovada sociedade entra um fator fundamental para as relações sociais, o modo de produção que se volta para o capital e redefine uma ordem social evidenciando a divisão de classes tendo a classe dominante, os patrões detentores de capital; e a classe dominada os proletariados submissos às ordens de seus patrões. Para Marx o capital “é uma relação social de produção, é uma forma histórica de distribuições das condições de produção, resultante de um processo de expropriação e concentração da propriedade” (MARX apud OLIVEIRA, 2003, p. 45).

Com o modo de vida modificado e a sociedade vivendo de forma capitalista em uma lógica de mercado “a mercadoria tem a propriedade de satisfazer as necessidades



humanas, sejam as de estômago ou as da fantasia” (MARX apud OLIVEIRA). Ocorre em Monte Santo no período da romaria essa evidência da organização capitalista, sendo uma das formas de renda do município, o sucesso desse festejo.

O que ocorre também nessa transformação da sociedade industrial, que se percebe na cidade, é que o “‘moderno’ defronta-se também com o que se situa na esfera do ‘progresso’” (LE GOFF, 2003, p. 179). Pois o crescimento do festejo denota que o município esta progredindo e possui outra demanda econômica, e para isso se faz necessário investir no desenvolvimento da cidade focando em seu potencial religioso.

A indústria cultural

Em Monte Santo durante o período dos festejos a Santa Cruz, 30 de outubro a 1º de novembro, é esperado muitos romeiros da região e de outros lugares do Brasil. Que chegam em ônibus soltando fogos e prontos para cumprir o trajeto de quase 4 km pela serra. Anos atrás os romeiros faziam a viagem em caminhões cobertos com lonas chamados “pau de arara”, vinham em grandes caravanas trazendo famílias inteiras e amigos que se hospedavam nas casas de moradores da cidade, que já se preparavam para essa época.

Atualmente os romeiros chegam em menor quantidade, vêm de ônibus modernos e se hospedam em pousadas e hotéis da cidade, sendo atraídos não somente pela religiosidade do lugar, mas pela cidade ter sido cenário de filmes e minisséries nacionais. A modernidade chega para mostrar que

o desenvolvimento das instituições sociais modernas e sua difusão em escala mundial criaram oportunidades bem maiores para os seres humanos gozarem de uma existência segura e gratificante que qualquer tipo de sistema pré-moderno. (GIDDENS,1996, p.13)

A cidade está crescendo, não é somente um local de peregrinação, agora faz parte do roteiro turístico do Brasil. Apropriando-se desse crescimento, da cidade e da festa que cada ano se torna mais profana, a indústria cultural vem colocando seus elementos. A



indústria cultural consiste na “prática do consumo de ‘produtos culturais’ fabricados em serie” (CHAUI, 1995, p.329).

Por ser um santuário religioso, Monte Santo serviu de cenário para o filme “Deus e o Diabo na terra do sol” do cineasta Glauber Rocha e a minissérie global “O Pagador de Promessas” da obra de Dias Gomes, então os visitantes podem levar essas obras de lembrança da cidade, pois seguindo a lógica da indústria cultural, foi possível a reprodução do produto e é mais uma fonte econômica para o município, sendo suas cópias vendidas por comerciantes da cidade.

A grande festa que antes girava em torno da igreja e da serra, hoje é direcionada a um público que procura diversão e cantores de rota nacional, e possui um espaço exclusivamente para o evento. A cidade se prepara o ano todo para receber seus visitantes e romeiros, que chegam em menor quantidade. A divulgação das atrações é feita com antecedência nos veículos de comunicação da cidade e região, rádio, internet, televisão. Conta com o apoio da secretaria de cultura do estado e presença de grandes nomes do cenário musical como: Fagner, Daniel, Zeze di Camargo e Luciano, Zé Ramalho.

O festejo foi evidentemente tomado pela cultura de massa, já que o evento se tornou uma manifestação “não folclórica; abertamente organizada por empresários da indústria do lazer; fortemente estruturada em função de um certo público-massa” (BOSI, 2000, p. 73).

Com a modernização das cidades tudo em volta sofre as mudanças, na região de Monte Santo a arquitetura moderna contrasta com casarios antigos, podemos considerar que no município “o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações” (GIDDENS, 1996, p. 38).

Aos pés da serra também se encontram lojas modernas, bares e *lan houses* que traz a cidade um maior contato com sua região, o Brasil e o mundo. Os festejos religiosos convivem pacificamente com as manifestações profanas, cabendo a comunidade diferenciar e priorizar o que lhe for mais conveniente, as tradições da cidade se perpetuaram em livros de história e claro na memória de muitos.

O sagrado e o profano, a tradição e a modernidade contrastam num cenário de fé, história e promessas. Como citou Euclides da Cunha em seu livro “Os Sertões” Monte Santo é um lugar lendário, ao passo que se moderniza traz em seus costumes toda uma história de crenças e tradições, pois citando Berman “Ser moderno é encontrar-se em



um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor” (BERMAN, 1986, p.15).

Conclusão

A romaria continuará a existir? A crença á Santa Cruz do Monte Santo levará sempre penitentes ao monte? As imagens de ex-votos estarão por lá em uma sala reservada? É possível que sim, pois falar da romaria também é falar de seus romeiros

é falar claramente de pessoas vivas, de acontecimentos humanos relevantes que se perdem nas curvas quase infinitas das estradas, cobertos tantas vezes pelo véu inexorável do tempo, como um constante desafio aos conceitos de modernidade, pós modernidade, religião “oficial”, religiosidade popular numa manifestação antropológica de raízes culturais ancestrais que teima, apesar de tudo, em permanecer (GUIMARÃES, 2011, p. 17)

Apesar de contrastes e indagações, a tradição do local continua e a modernidade veio para difundir a história do lugar. Na contemporaneidade a tradição cede um espaço para que toda manifestação seja para integrar a sociedade, unindo o novo ao antigo, porém sem esquecer os valores cultuados por família, religião e sociedade.

O que foi possível observar durante a pesquisa é que o monte se faz santo por seus moradores que cultuam tal manifestação de fé. Respeitando os ritos religiosos de uma sociedade com costumes e crenças de seus antecedentes, ao mesmo tempo em que procuram receber as novas concepções, tanto empregada pelo capital ou a sociedade capitalista de massa, quanto pelo avanço e crescimento da cidade, enquanto tamanho territorial.

Monte Santo mostra, em sua conjuntura, a aceitação pelo novo, pela modernização do município. E demonstra que sua romaria é uma tradição latente e faz parte de seu contexto e história.

A proposta do artigo foi relacionar o novo com o antigo, analisando o comportamento da população do município com relação as mudanças ocorridas no festejo em homenagem á Santa Cruz do Monte Santo. Em estudos futuros pode se observar o destaque dado à romaria pelas mídias comerciais e comparar com os beneficiamentos advindos desta proposta para a cidade, e toda tradição religiosa que foi cultuada ao



longo de 220 anos de peregrinação.

Pode se concluir que a era moderna trouxe uma série de adaptações geográficas e pessoais, e como toda mudança ocorre estranhamento com a novidade, assim também ocorrem outras possibilidades de convivência. O ambiente se transforma para receber o novo, pois não é possível destruir por total, modos antigos e sim agregar costumes aos antigos.



Referências :

ABREU, Jean Luiz Neves. **Difusão, produção e consumo da imagens visuais: O caso dos ex-votos mineiros do século XVIII**. In. Revista Brasileira de História. Associação Nacional de História- Anpul. São Paulo: vol. 25, n 49, 2005.

ARAS, José. **No Sertão do Conselheiro**. Salvador, _2003

BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira et al. **Um Toque de Clássicos: Marx, Durkheim e Weber**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das letras, 1986.

BOSI, Ecléa. **Cultura de Massa e Cultura Popular: Leituras de operárias**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Convite á Filosofia**. São Paulo : Ática,1995.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GUIMARÃES, Fausto da Costa. **Memórias de um romeiro**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

.